



Editorial

Nesta edição da Rebeca, comemoramos os dez anos da revista com o dossiê *Reconfigurações do campo cinematográfico nos anos 2010*, para o qual convidamos, como editores, Daniela Siqueira (UFMS), Júlio Bezerra (UFMS) e Marcelo Ikeda (UFC), além de uma das editoras da equipe da Rebeca, Luíza Alvim (pós-doutoranda da USP). O dossiê nasceu com a proposta de espelhar aquele primeiro dossiê publicado em 2012, na edição de número 1 da revista¹. Se, no dossiê inaugural, tratava-se de pensar o cinema dos anos 2000, a proposta para este dossiê de 10 anos é refletir tanto sobre as reconfigurações do campo nos anos 2010, quanto sobre a consolidação do Cinema e Audiovisual como área do pensamento acadêmico. Com isso, buscamos destacar a importância de uma revista especialmente dedicada a essa área do conhecimento e ligada à maior entidade acadêmica brasileira da área, a Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual – SOCINE.

É importante fazermos algumas observações sobre a Rebeca e a área como um todo. Na última avaliação da CAPES a Rebeca recebeu Qualis B1, ou seja, manteve-se num nível baixo perante revistas da grande área da Comunicação. Outros periódicos da área de Cinema e Audiovisual vinculados a programas de pós-graduação brasileiros foram rebaixados, como a *Significação* (USP) e a *Devires* (UFMG). O que ocorreu também com revistas estrangeiras em que há textos importantes de pesquisadores brasileiros, como a portuguesa *Aniki*, a luso-brasileira *Doc-online*, e a argentina *Imagofagia*. Em que pese sua importância, no atual momento, nenhuma delas está no estrato Qualis A. Esta situação dos periódicos, porém, contrasta com o contexto da área de Cinema e Audiovisual nos últimos anos, onde se observa crescimento de pesquisa e ensino em níveis de graduação e pós-graduação. Em 2022, por exemplo, a SOCINE recebeu mais de 600 propostas para o seu congresso anual, o que reflete o aumento significativo das pesquisas específicas na área e sua consolidação. Resultado, entre outros aspectos, da criação de diversos cursos de graduação e de programas de pós-graduação em Cinema e Audiovisual, assim como linhas de pesquisa específicas que contemplam essa área em diferentes PPGs de todo o país.



Diante da importância e da atual dimensão do campo de pesquisa em Cinema e Audiovisual no Brasil, a Rebeca chega ao seu décimo ano comprometida com a qualificação de suas práticas editoriais. Em 2023, a revista tornou-se membro da Associação Brasileira de Editores Científicos, passo importante para a continuidade dos aprimoramentos realizados especialmente no último ano. Neste momento em que celebramos o nosso aniversário de 10 anos, não poderíamos deixar de agradecer a contribuição de todas e todos os editores, colaboradores, autores e avaliadores *ad hoc* que atuaram para consolidação da Rebeca como um espaço privilegiado para difusão do conhecimento criado em nosso campo de estudos.

Esta edição comemorativa espelha a solidificação da área e seus desdobramentos de pesquisa. Na Seção Dossiê há nove artigos, enquanto na Seção Resenhas e Traduções há dois textos traduzidos especialmente para o dossiê. Da mesma maneira, a Seção Entrevistas conta com uma contribuição relacionada à temática do dossiê, assim como a mesa-redonda publicada na Seção Fora de Quadro com a transcrição de uma conversa realizada entre as/os editoras/res do dossiê e as/os convidadas/os Kênia Freitas, Lúcia Ramos Monteiro, Hernani Heffner e Pedro Butcher.

Na Seção Temáticas Livres há cinco textos, dos quais três possuem correspondências com o dossiê. O artigo *Panorama da Política Pública Afirmativa para o Audiovisual no Brasil: 10 anos do Edital Curta Afirmativo (2012-2022)*, de Ana Paula Melo Sylvestre, retoma a questão das políticas afirmativas por meio de editais no Brasil, discutidas em alguns textos do dossiê e na mesa-redonda. Tomando como marco inicial de análise a implementação do Edital Curta Afirmativo em 2012, a autora faz um balanço dos dez anos depois desta implementação e dos resultados de outras políticas afirmativas, tendo como base a interseccionalidade de raça e gênero.

No artigo *História, literatura e paisagem no documentário de Jia Zhangke: o olhar-paisagem em Nadando Até o Mar se Tornar Azul*, Camilo Soares trata da produção de 2020 do diretor chinês, a fim de discutir as relações entre a história da República Popular da China e a transformação das paisagens do espaço vivido. Segundo o autor, os filmes de Zhangke traçam esses paralelos entre o mundo tradicional da cultura chinesa e sua transformação acelerada nas últimas décadas, algo que a mudança da paisagem – com seus novos prédios, cultura do luxo, poluição ambiental – explicita. Em seu novo filme, ao retornar à província de Shanxi por ocasião de um festival de literatura, o diretor compara imagens já feitas no lugar, em anos passados, com o momento atual, e assim consegue evidenciar as mudanças socioculturais em tão pouco tempo.

Em *Após a perda do mundo: Gosto de Cereja e as condições de emergência do cinema contemporâneo*, Eduardo Brandão Pinto parte de uma cena do filme de 1997 de Abbas Kiarostami (diretor evocado na mesa-redonda) como sintomática para a



emergência do cinema contemporâneo autoral pós-1980 e suas complexidades. Na cena, há uma banalidade do mundo perante os gestos do suicida, uma “ruptura do homem e do mundo”, tal como desenvolvida por Gilles Deleuze em *A imagem-tempo* (1985), e que remete aos cinemas modernos do pós-guerra. No entanto, já na época do livro de Deleuze, buscou-se também o que foi entendido como “maneirismo” cinematográfico como reação ao que se configurava como uma suposta crise criativa dos cinemas novos. As duas faces da banalidade e do maneirismo num certo cinema contemporâneo foram também discutidas na mesa-redonda desta edição.

Complementam a seção dois artigos relacionados a filmes dos anos 1960 e 1980. Em *Identidade em crise: a noção de mineiridade em O padre e a moça*, Thiago Henrique Fernandes Leão Gomes e Cláudio Rodrigues Coração revisitam o filme de Joaquim Pedro de Andrade, de 1966, para desenvolverem a relação entre os conflitos identitários dos personagens – oriundos do poema adaptado do escritor mineiro Carlos Drummond de Andrade – à crise de uma identidade hegemônica nacional. Os autores problematizam, assim, relações entre o passado e o presente e entre o conservadorismo e a modernidade que atravessam a sociedade mineira, dificultando os avanços e as transformações da própria realidade.

Finalmente, em *John Rambo: vietcongue, negro revisionismo histórico em First Blood*, Victor Hermann retoma o filme de 1982, estrelado por Sylvester Stallone, para discutir as estratégias de fabricação do mito do veterano de guerra, com a hipótese de que o filme se apropriou das experiências do vietcongue e do negro periférico para construir a imagem mítica de um superguerreiro branco.

Boa leitura!

Luíza Beatriz Amorim Melo Alvim (USP)

Miriam de Souza Rossini (UFRGS)

Marcelo Rodrigues Souza Ribeiro (UFBA)

Patrícia Furtado Mendes Machado (PUC-Rio)

Márcio Zanetti Negrini (PUCRS)